

1953
9

MUSEU DE ARTE MODERNA

Ivan e as crianças

DO RIO DE JANEIRO

Rua da Imprensa, 16-A

1953

Tel.: 52-7432

BOLETIM DE FEVEREIRO

N.º 5

DÍVIDAS E RESPONSABILIDADES

Parece ontem e já passou um ano, o que é sinal de movimento, variedade e vida. Ontem inaugurávamos a nova sede do Museu. Para conservar o mesmo ritmo, devemos hoje olhar o dia de amanhã, que se apresenta cheio de promessas, mas carregado de responsabilidade.

De fato, pesam grandes dívidas sobre nós.

Dívida para com esta cidade amiga e nossa, que aprovou através de seus representantes municipais quase unânimes (uma só exceção) a iniciativa do Sr. João Carlos Vital já agora sancionada pelo prefeito Dulcideo Cardoso, e nos doou um terreno de sonho, em local deslumbrante, para construirmos a sede do futuro.

Dívida igualmente para com a Câmara dos Deputados, e assim para com o país inteiro, em vésperas de votar um projeto do Sr. Jorge Lacerda, e que nos permitirá iniciar essa construção.

Há um ano, corríamos o risco da incompreensão e da hostilidade, ou, muito pior, o da indiferença do público. Tínhamos de enfrentar esse risco, pois havíamos partido, não para uma aventura, mas para uma missão a cumprir, uma tarefa a realizar. Os sessenta mil visitantes dos últimos doze meses afastaram para sempre o fantasma da indiferença. E o que há de hostilidade contra nós, postos de lado alguns raros trejeitos de despeito, é em geral sadio e vivificador: estimula, porque vibra.

O gesto generoso dos representantes municipais e federais, que tanto nos honra, é um reflexo do reconhecimento público de nosso esforço e de seus primeiros resultados. O encargo criado por essa confiança multiplicará nosso esforço, porque, assim compensado e premiado, o trabalho não assusta numa instituição como o Museu.

Mas somos perto de mil que, com doações, "remissões" jóias, anuidades e mensalidades contribuimos diretamente para o "pão nosso" que alimenta o trabalho de cada dia e vai enriquecendo o patrimônio artístico.

Para com esse agrupamento variado, desconexo, heterogêneo e no entanto unido por múltiplos e diversos ângulos da mesma idéia — é como se disséssemos: para consigo mesmo — tem o Museu sua maior dívida e seu compromisso mais grave. Não tanto pela contribuição material (cuja importância e utilidade Deus nos livre de subestimar) senão por outro motivo mais precioso e mais exigente.

Todo ideal nasce vago, nas nuvens. E' o calor humano que lhe dá corpo e consistência. A corrente que logo se formou, em pouco tempo criou a consistência necessária. Foi o entusiasmo, o apoio e a cooperação ativa dos associados que permitiu ao Museu realizar e obter tanto em tão pouco tempo. Por isso, manifestando nossa gratidão, proclamamos hoje a nossa dívida.

E por isso, também, olhamos confiantes e sem susto, o dia de amanhã.

A DIRETORIA

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

Sua inauguração no dia 15 de janeiro, em comemoração à passagem do aniversário do Museu

Realizou-se no dia 15 de janeiro a reabertura da Exposição Permanente do Museu, enriquecida de novas doações.

Estiveram presentes: Capitão José Henrique Accioly, representante do Sr. Presidente da República; Governador Juscelino Kubitschek de Oliveira; Sr. Simões Filho, Ministro da Educação; Sr. Francisco Negrão de Lima, Ministro da Justiça; Embaixador Lourival Fontes, Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República; Senador Marcondes Filho; Senador Arêas Leão e Sra.; Senador Alencastro Guimarães; Deputado Nereu Ramos; Deputado Euvaldo Lodi; Deputados Israel Pinheiro, Heitor Beltrão, Bilac Pinto e Oswaldo Moura Brasil; Sr. Herschel V. Johnson, Embaixador dos Estados Unidos; Sr. e Sra. Marcel Henry Jaspas, Embaixador da Bélgica; Sr. Gilbert Arvengas, Embaixador da França; Embaixador do Paquistão e Sra. Qazi Mohammed Isa; General David Shaltiel, Ministro do Estado de Israel; Sr. T.O. Vahervuori, Ministro da Finlândia e Sra. Ministro da Austrália e Sra. Peter Richard Heydon; Ministro Walineslay; Professor Wojciech Wrzosek, Ministro da Polônia e Sra.; S.A. o Raja Jogindes Sen, Embaixador da Índia; Embaixador Vasco Leitão da Cunha; Embaixador José Roberto de Macedo Soares Ministro Hugo Gouthier e Sra. Ministro Aguinaldo Boulitreau Fragoso e Sra.; Ministro Jayme de Barros; Ministro Nelson Tabajara de Oliveira; Consul-Geral J.B. de Berenguer Cesar; Consul Geral Alfredo Polzin; Sr. João Carlos Vital e Sra., Sra. Otacílio Gualberto; Sr. Celso Kelly; Sr. Vasco Pezzi; Sr. Paulo Celso de Almeida Moutinho; Sr. e Sra. Roberto Marinho; Sr. Antonio Sanchez de Larragoiti e Sra. D. Rosalina Coelho Lisboa de Larragoiti; Sr. Cesar de Mello Cunha; Sr. Santos Vahlis; Sr. Oswald de Andrade e Sra.; Sr. Augusto Frederico Schmidt; Sr. Anibal Machado; Sr. Spitzman Jordan e Sra.; Sr. Paschoal Carlos Magno; Sr. e Sra. Flávio de Aquino; Sr. Antonio Bento; Sr. Murilo Almeida dos Reis; os artistas Santa Rosa, Zelia Salgado, Lygia Clark, Ivan Serpa, Inimá de Paula; Sr. e Sra. Alfredo Maurell Netto,

Sr. e Sra. Alfredo, Frederico Sedlmayer, Sr. Augusto Vianna Júnior, Sr. Ari Monteiro Lopes, Sr. e Sra. A. Hermann Steger, Sr. e Sra. Angelo Italo, Sr. e Sra. Abelardo da Fonseca, Sr. Aluisio Carvão, Sr. Adhemar Leite Ribeiro, Sr. Anisio Araújo de Medeiros, Sra. Annajr Nogueira Bernacchi, Sra. Angela Botelho Benjamin, Sr. Alberto Dines, Sr. e Sra. A. Henriques Toledo, Sr. e Sra. Augusto Jonnet, Sr. Armando Stamile Genarino, Sr. Alinio Salles e Sra. A. J. Peixoto de Castro, Sr. Afonso Eduardo Reidy, Sr. Arnaldo Ballesté, Sr. Alberto Dines, Sr. Antonio Callado, Sr. Antonio Firro, Sr. Antonio Bandeira, Sr. Agnar Lincoln, Sr. Américo Aguiar, Sra. Berta C. Leitchic, Sr. e Sra. Carlos da Silva Ramos Perry, Barão de Saavedra, Bueno Filho, Sr. Carlos David, Sr. e Sra. Cândido Mendes de Almeida, C. Deprevost e Sra., Sr. e Sra. Cândido Mendes, Sr. e Sra. embaixador Carlos d'Avila, Decio Luiz Vieira, Sr. e Sra. David Pereira do Carmo, Sr. e Sra. Dagoberto Carneiro Filho, Sta. Déa de Campos Lemos, Sra. Diva Autran Mendonça Pinto, Sra. Dalia A. M. Franco Alves, Da Costa Penna, Diva Aizim, Sr. Evandro Correia de Menezes, Sr. e Sra. Erich A. Huesch, Sta. Eunice de Campos, Sr. Ernani Mendes de Vasconcelos, Sr. Eliachir Palatnik e Sra., Elisa Martins da Silveira, Sr. Ernani Vasconcelos, Sra. Else Arede, Sr. Edmundo Moniz, Sr. e Sra. Euzebiusz Dworkin, Sr. Eurico Nogueira França, Sr. Edilson Borba Santos, Sr. Egeu Pisk, Sra. Fayga Ostrower, Sr. Ferreira da Rosa, Sr. Francis Kann, Sra. Senador Fernando de Mello Viana, Sra. France Dupaty, Sr. Fernando Romani, Sr. e Sra. Frederico M. C. Monteiro, Frank J. Loeb, Frank Schaeffer, Fernando Moura, Sr. Floresta de Miranda, Sra. Graciema Machado, Sr. Gastão Worms, Sr. Gabriel Lacombe, Professora Georgina de Albuquerque, Sr. e Sra. Harold Spence, Sr. e Sra. Heitor Bove Moniz, Sr. Weber Abramo, Sr. e Sra. Henri Kauffmann, Sr. Hélio Modesto, Helena Martins de Carvalho, Helena Maria Lassance Salles, Enrique Carlos Mayall, Hélio Vianna, Sra. Ione Cordeiro e Silva Rudge, Sr. e Sra.

Ivan Pedro Martins, Sra. Ingeborg Endress Dreyer, Ismar Gama Fernandes e Sra., Ibrahim Sued, Isabel Aizim, Sra. Juracy Cruz Santos Sr. José Mattos, Sr. e Sra. José Lins do Rêgo, Sra. Jean Shaffer Belchior, Sr. José Eduard Gonçalves, Sr. e Sra. José Jardim de Araújo, Sr. José Ribamar Ferreira, Sr. e Sra. José Martins Gomide, Sr. Joaquim Teodoro da Silva Camargo, Sr. Jorge Ferreira, Sr. Jean Gerad Fleury, Jorge Jabour Mauad, J. Figueiredo, José Carlos de Oliveira, Joaquim Vieira da Luz, José Reznik, Julio Senna, José Carlos da Silva Machado, José Piquet Carneiro, José Mattos, Srta. Lygia Fernandes, Sr. Lauro Smith Frota, Sra. Lucia Aizim, Sta. Lylian Schwartzkopf, Sr. Lothar Bauer, Sta. Lucia Bittencourt, Sr. e Sra. Lazlo Meitner, Sra. Luiz Vianna, Srta. Maria Isabel de Gusmão, Srta. Maria de Nazareth Moniz de Aragão, Srta. Marlene da Silva Vasconcelos, Sr. Mário Pereira Lucena Filho, Srta. Maria de Lourdes Zillig, Sra. Maria do Carmo Costa Rêgo, Sra. Magdala Seixas Ferreira, Srta. Maria Helena Italo, Sra. Marguerite Verdié, Sr. Murilo Almeida dos Reis, Sra. Maria Goldring, Manoel Florence e Sra., Mário Tamborindenguy. Marcio Alves, Milton Goldring e Sra., Max Guttman Bicho, Maria de Lourdes Pimentel, Srta. Nair José Vieira, Srta. Nara Baptista de Oliveira, Nathaniel Dantas, Sr. Ovidio da Cunha Vieira, Sra. Olga Reinheimer, Srta. Ophelia de Argollo Moniz Sodrê, Sr. Osmar Carvalho de Castro, Sra. Olga Medawar, Sr. Oscarino A. Vasconcelos, Sra. Otelina Riegel, Sr. Phillipe Maeck, Sr. Paulo Campos Pôrto, Sr. e Sra. Paulo Moura Brasil, Sr. Paul D. Hardwick, Sr. Paulo Goulart, Sr. Paulo Lavrador, Sr. Plínio Olinto, Sr. Plínio Mattos Barreto, Sr. Peregrino Jr., Polly Mcdonel, Paulo Prates, Paulo Sampaio, Prado Kelly, Paiva Filho, Sr. e Sra. Paschoud, Pedro Lessa Spyer e Sra., Rossini Quintas Perez, Rubens de Souza, e Sr. Renato Mendonça, Raul Pedrosa, Rosalina C. Mendês de Almeida, Roberto Assumpção, Ramiro Villar, Raquel Pedro Moacyr, Sr. Professor Stanislaw L. Wasserberger, Sr. e Sra. Stanislaw Barcinski, Simone Goldring, Stella Nogueira de Rezende, Sarah Cabral de Cezar Borba, Tereza Oliveira, Tereza Cristina Bolivar, Thiago de Mello, Sra. Victor Lage, Vera Pedrosa, Vicente Lima e Sra., Sr. e Sra. Wladimir Alves de Souza, Sr. e Sra.

Walmsley Jr., William E. Hubbard, Sra. Yara Ferraz de Góes.

APARELHO CINE-CROMÁTICO

Foi apresentado ao público o Aparelho Cine-Cromático de Abraham Palatnik, projetor luminoso que apresenta uma sucessão de imagens de cores diversas, em fusão nos diferentes focos, que se projeta com independência pelo espaço.

O Museu estará aberto todos os dias, das 12 às 19 horas, exceto às segundas-feiras.

No corrente mês, nos três dias de Carnaval (domingo dia 15, segunda-feira 16 e terça-feira 17), o Museu, excepcionalmente, permanecerá fechado.

MÁRIO PEDROSA, RELATOR DA A. I. C. A.

Pela Associação Internacional de Críticos de Arte acaba de ser convidado para relator da Assembléia daquela associação a realizar-se em julho, na Irlanda, o crítico de arte Mário Pedrosa, que assim será um dos quatro relatores figurando ao lado de Pierre Franschattel, Roberto L. Delavoy e Jean Laymarie.

O convite da A. I. C. A. distingue merecidamente uma das mais belas inteligências do nosso mundo cultural, jornalista vivo e atento e crítico de arte dotado de excepcional espírito de pesquisa e presta também significativa distinção ao Brasil. Já na Assembléia Internacional dos Artistas ocorrida no ano passado, tivemos a satisfação de ver homenagem idêntica concedida a Lúcio Costa que foi o relator de Arquitetura.

SÓCIOS

O Museu tem as seguintes categorias de sócios: Benemérito, Remido, Efetivo, Contribuinte e Correspondente.

Sócio Benemérito será aquele que fizer doação de valor excepcional ou prestar concurso relevante às atividades do Museu.

Sócio remido será aquele que fizer o pagamento de pelo menos Cr\$ 10.000,00 ou doação deste valor.

Será sócio efetivo o que, além da anuidade de Cr\$ 250,00 contribuir com

jóia não inferior a Cr\$ 2.000,00 ou que fizer doação de obra de arte, que não seja de sua própria autoria, aceita pela Comissão Executiva.

Será sócio contribuinte aquele que pagar a anuidade de Cr\$ 250,00 ou contribuir com Cr\$ 25,00 mensais.

Será sócio correspondente o que, residindo fora do Distrito Federal, auxiliar o Museu pagando anuidade ou prestando serviços de acôrdo com a Comissão Executiva.

O QUE O MUSEU JÁ OFERECE A SEUS SÓCIOS

- | | |
|---|--|
| 1) Convite para tôdas as inaugurações; | as iniciativas do Museu; |
| 2) Entrada gratis no Museu com a apresentação da carteira de sócio; | 5) Acesso à pequena biblioteca do Museu; |
| 3) Participação nos cursos de pintura, escultura, modelagem e outros que se vão formar; | 6) 15% de abatimento na aquisição de livros, reproduções e cartões de Natal; |
| 4) Convites para conferências e tôdas | 7) Este Boletim mensal, gratis. |

NOVOS SÓCIOS DO MÊS DE JANEIRO

Remidos: Américo Breia, Adriano Seabra Fonseca, Ricardo Seabra Moura, Ministro Hugo Gouthier, Jorge de Mattos, e Antonio Joaquim Peixoto de Castro

Efetivos: Elisa Maria de Sales Novais, Jorge Chaves Filho, Hélio Lage Uchóa Cavalcanti, Luiz de Mello Campos, e Henrique de La Rocque Almeida

Contribuintes: Adalberto Kenedi Roberto Emir de Matos, Gabriel de Souza Aguiar, Henrique Carlos Mayall, Moema Ceres Borges Mósca, Joan Ruttimann, José Jardim de Araújo, Sulamita Cardoso e Souza, João José Silva Costa, Vera Lúcia Vianna Teixeira, Antonieta Jardim Freire, Regina Pereira das Neves Bolonha, Virgílio Luiz Donnici, Ivan Meira, Jayme Landmann, Olympio Cesar Araújo de Bittencourt, Eugênio Luiz Baptista de Oliveira, José Lewgoy, Helena Louly, Lia Cruz, Alfredo Maurell

Netto, Hamilton Fontenelle Cabral, Maria Luzia Brito, Maria Hilda de Albuquerque Câmara, Maria Helena da Silva Novaes, Emma Cardoso, Maria Inácia Rics Fonseca, Miguel de Teive e Argollo, Maria B. de Almeida Ferraz, Maria Amanda da Fonseca Costa Couto, Rosalina C. Mendes de Almeida, Inah Bulhões, Adriano da Silva Costa, Palmyra Guimarães Pinheiro, Zazi Corrêa da Costa, Rubem Mauro Cardozo Ludolf, Theomar Cordeiro da Silva, Wilson Cruz, Ruth Magalhães Gonzaga, Manoel Faustino Vieira Marinho, Oswald de Andrade, Wagner Pimenta Bueno, Regina Bernardes Regis Bittencourt, Kurt Hirschberg, Dagoberto Carneiro Filho, José Reznik, Julio Paulo de Oliveira, Ilka Bastos, Marietta de Albuquerque, Sebastião Ferreira, Marinha Boal Lussac, Maria Thereza Vinhaes, Salvador Barraca, João Maximiliano Ferreira, Eduardo Salgado Filho, Paulo de Campos Porto e Jenny Aglaé Gordon.

III SALÃO DE NATUREZAS MORTAS

- A cerimônia de entrega dos prêmios, no Salão de Exposições do Museu

Realizou-se, no dia 6 de janeiro, no Museu de Arte Moderna, a cerimônia da entrega dos prêmios aos artistas laureados pela Comissão Julgadora do III Salão de Naturezas Mortas, promovido pelo SAPS, como complemento da III Semana Nacional de Alimentação.

Viam-se entre os presentes, figuras destacadas em nossos meios culturais e artísticos, representantes dos órgãos que conferiram os prêmios, jornalistas etc. Presidindo a cerimônia, em nome do sr. Ministro do Trabalho falou o sr. Miranda Neto sobre a significação da iniciativa do SAPS, seguindo-se com a palavra o sr. Luiz Gonzaga de Paiva Muniz, diretor executivo dessa autarquia, representando o dr. Edison Cavalcanti, que agradeceu a quantos que, por suas doações, haviam concorrido para o brilhantismo do III Salão. Prosseguiu afirmando que os trabalhos ali apresentados demonstraram o grau de evolução de nossa pintura, mormente da pintura moderna. Concluiu por agradecer à sra. Niomar Moniz Sodré Diretora Executiva do Museu, a cooperação e o apoio que empresta àquela autarquia, e que muito contribuíram para o êxito do III Salão de Naturezas Mortas.

Finalizando a solenidade, falou o sr. Carlos Flexa Ribeiro, Diretor Secretário do Museu, lembrando que o Salão de Naturezas Mortas já assumira foros de tradição na vida artística da cidade. E concluiu:

“Na refrega, que já se prolongou por mais de meio século, em que assistimos à radical subversão de uma ordem estética multissecular e à instauração de uma nova visualidade plástica, parece indubitável que a Natureza Morta tem sido, de todos os gêneros de pintura, o que maior força de sobrevivência tem apresentado.

E o fato de estarmos colocando a presente distribuição de prêmios, ao abrigo do teto acolhedor do nosso jovem Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, informa-nos de modo inequívoco da orientação estética que presidiu aos trabalhos mais significativos desse Salão.

Participando, através de membros de sua Diretoria, do Júri instituído pelo SAPS, o Museu quis, desde logo, dar à sua colaboração o sentido de que se revestem todos os seus atos, de órgão capaz de exprimir as tendências do nosso momento artístico, cooperando ao vivo com a obra criadora que nêle se elabora e sensível aos valores que nêle se afirmam.

O grupo de críticos e estudiosos de arte que compôs o Júri do III Salão de Naturezas Mortas, indicando os nomes dos artistas premiados, cuidou levar, com acôrto, aos seus destinatários as recompensas instituídas como prêmios.

Aos artistas vencedores devemos reservar, na verdade, o melhor de nosso pensamento neste instante, concedendo-lhes a cosagração do reconhecimento público pela obra criadora de arte que realizaram, mais duradoura sem dúvida do que estas simples palavras de congratulações que agora todos lhes dirigimos.”

Em seguida foi iniciada a distribuição de prêmios na seguinte ordem:

Prêmio SESI, Cr\$ 20.000,00, para Lasar Segall; Prêmio SAPS, Cr\$ 15.000,00, para Adolfo Bonadei; Prêmio IPASE Cr\$ 10.000,00, para Djanira; Prêmio IAPETC, Cr\$ 10.000,00, para Gastão Worms; Prêmio Equitativa, Cr\$ 5.000,00, para Yolanda Mohaly; Prêmio Jornal de Letras, Cr\$ 5.000,00, para Hilda Campofiorito; Prêmio Sul América, Cr\$ 2.500,00, para Lygia Pape; Prêmio Lar Brasileiro, Cr\$ 2.500,00, para Frank Shaeffer; Prêmio Augusto Schmidt, Cr\$ 2.500,00, para Lygia Clark.

O quadro de Lasar Segall, que foi premiado com o 1.º lugar na III Exposição de Naturezas Mortas, foi gentilmente doado pelo SESI ao Museu que, assim, viu enriquecido ainda mais o seu acervo.

Essa tela faz parte da atual Exposição Permanente do Museu.

A PRESIDÊNCIA DO MUSEU

Reuniu-se no dia 5 de janeiro, o Conselho Deliberativo do Museu para eleger o novo Presidente, em substituição ao sr. Raymundo de Castro Maya, que renunciara àquele cargo, em carta dirigida à Diretoria. Foi eleito, por aclamação, o sr. Embaixador Maurício Nabuco, que

já pertencia ao Conselho Deliberativo, onde presidia a Comissão de Contas.

Em seguida o Conselho procedeu à eleição do sr. Aloysio Ferreira de Salles no cargo de Conservador, vago em virtude de pedido de demissão da sra. Maria Barreto.

DIRETORIA

PRESIDENTE: Embaixador Maurício Nabuco
VICE-PRESIDENTE: Francisco Clementino de San Tiago Dantas
DIRETOR EXECUTIVO: Niomar Moniz Sodré
DIRETOR EXECUTIVO ADJUNTO: Carmen Portinho
DIRETOR TESOUREIRO: Carlos Amélio de Figueiredo
DIRETOR SECRETÁRIO: Carlos Flexa Ribeiro
CONSERVADOR: Aloysio Ferreira de Salles

CONSELHO DELIBERATIVO

Aguinaldo Boulitreau Fragoso
 Aloysio de Paula
 Antonio Moniz Vianna
 Assis Chateaubriand
 Augusto Frederico Schmidt
 Beata Vettori
 Cypriano Amoroso Costa
 F. C. de San Tiago Dantas
 Francisco Matarazzo Sobrinho
 Gustavo Capanema
 Hélio Jaguaribe Gomes de Mattos
 João Carlos Vital
 João Guimarães Rosa
 João Soares Sampaio
 Jorge Leão Ludolf

Jorge Maia
 Juscelino Kubitchek de Oliveira
 Lauro Salazar Regueira
 Leonídio Ribeiro
 Lúcio Costa
 Maria Barreto
 Maria Martins
 Maurício Nabuco
 Paulo Bittencourt
 Paulo Carneiro
 Raymundo Ottoni de Castro Maya
 Roberto Marinho
 Rodrigo Mello Franco de Andrade
 Vinicius de Moraes
 Walther Moreira Salles

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE CRIANÇAS NO HOTEL QUITANDINHA

Esteve em visita ao Museu, no dia 7 de janeiro, o sr. Ernani do Amaral Peixoto, Governador do Estado do Rio.

O Governador Amaral Peixoto, depois de percorrer a Exposição de Pintura de Crianças, alunas do professor Ivan Serpa, mostrou-se vivamente interessado nas atividades didáticas do estabelecimento e, demonstrando seu apoio, solicitou da Diretoria do Museu a apresentação daquela mostra no Hotel Quitandinha, no que foi atendido prontamente.

VISITA O MUSEU A MISSÃO COMERCIAL DO CANADÁ

Estiveram, no dia 8 de janeiro, em visita à Exposição de Crianças, alunas do professor Ivan Serpa, os membros da Missão Comercial Canadense, que se encontra em visita a esta Capital.

O sr. Clarence Decatur Howe, Ministro do Comércio do Canadá e chefe da Missão demorou-se durante algum tempo percorrendo a exposição, tendo palavras elogiosas para os trabalhos apresentados.

LIVROS SÔBRE ARTE

Encontram-se à venda, no Salão de Exposições do Museu, os seguintes livros sôbre Arte:

Arts of the South Seas por R. Clinton, P. S. Wingert e René d'Harnoncourt; Bonnard por John Rewald; Braque de Henry R. Hope; XX Century Italian Art por Alfred Barr e J. T. Eoby; "Nus" — Lucas Granach por Christian Zervos; Contemporary Painters por James Thrall Soby; Charles Demuth de A. C. Ritchie; Fantastic Art and Dada Surrealism por George Huguet; Florine Stettheimer de Henri Mc-Bride; Henry Moore por J. J. Sweeney; Henri Rousseau de D. C. Rich; Indian Art of the United States por F. H. Douglas e R. d'Harnoncourt; Paul Klee por Barr, Feininger e Sweeney; Fernand Leger (Oeuvres de 1905 a 1952) por Christian Zervos; Joan Miro por João

Cabral de Mello, d' "Os Cadernos de Cultura"; Modern Drawings por Wheeler e Rewald; Modern Painters and Sculptors as illustrators por Monroe Wheeler; Carnet de Dessins de Picasso (reproduits au format de l'Original); Dessin de Picasso por Christian Zervos; Pintura Brasileira — I, publicação do I.B.E.C.C.; Roteiro de Arte por Santa Rosa d' "Os Cadernos de Cultura"; Rouault's Paintings & Prints por J. T. Soby; Soutine de Monroe Wheeler; Stuart David de J. J. Sweeney; The History of Impressionism por John Rewald; Edward Weston de Nancy Newhall; The Sculpture of Nadelman por Lincoln Kirstern; As Artes Plásticas no Brasil, sob a orientação de Rodrigo Mello Franco de Andrade; e Bahia em 15 estampas, de Noêmia.

Os sócios do Museu têm direito a um desconto de 15% sôbre o preço marcado.

CURSOS DE PINTURA E MODELAGEM

É o seguinte o horário dos diversos cursos de pintura e modelagem do Museu:

Pintura

Professor Ivan Serpa:

Terça-feira — 18,00 às 20,00
 Quinta-feira — 18,00 às 20,00
 Sexta-feira — 18,00 às 20,00 (aula teórica, dada no Museu para os alunos de tôdas as classes).
 Sábado — 14,00 às 16,00 (para crianças, filhas dos sócios); 16,00 às 18,00 (adultos).

Professor Milton Goldring:
 Terça-feira — 15,00 às 17,00.

As aulas dos professores Ivan Serpa e Milton Goldring estão sendo realizadas no Edifício do IPASE, por especial gentileza do seu Presidente, enquanto o Museu não tem a sua sede própria.

Modelagem

Professora Margaret Spence:

Terça-feira — 16,00 às 18,00
 Quinta-feira — 16,00 às 18,00

As aulas da professora Margaret Spence estão sendo realizadas no Instituto de Cerâmica, criado pelo Museu, à rua Visconde de Niteroi n.º 244.

DESENHOS DE PORTINARI

Encontram-se à venda, no Salão de Exposições deste Museu, os seguintes desenhos de Cândido Portinari:

Fuga do Egito
 Menina
 Cabeça de Mulher
 Cavalos.

A IMPRENSA E O MUSEU

ARTE E ESPÍRITO INFANTIL

Faremos algumas considerações a respeito da manifestação artística na criança. O caráter da sensibilidade ótica infantil coincide, em sua objetividade, com valores de natureza estética.

Sem as lições cautelosas de contemplações sistemáticas, a pintura infantil, no seu aparente primarismo, afirma-se como reveladora de um mundo independente e próprio. Nesse mundo as descobertas do real estão definidas na assimilação do objeto, naturalmente; como afirma Piaget, toda imagem é um prolongamento da acomodação da ação, toda a ação, se aplicando ao objeto, a ele se acomoda, isto é, sofre em negativo a marca da coisa sobre a qual se molda. Ora, o importante na representação infantil é verificar a qualidade dessa acomodação. Do exame resulta afirmar-se que a expressão em linhas e formas é instintiva; o que dá aspecto inconfundível ao trabalho da criança é justamente porque ele se realiza num clima de liberdade visual, de vadia curiosidade, livre ainda das imposições da cultura. Essa manifestação artística transcende muitas vezes ao "estranho", ao "jocoso", ao "esquisito", termos com que empiricamente a denominamos. Nessa transcendência entrevemos a primeira denúncia dos objetos do mundo em sua forma fascinadora. É que esse fascínio ainda não foi sufocado pelo lado exclusivamente utilitário sobre o qual os adultos metódicamente se debruçam; o real ainda não se tornou um hábito. Só o artista tem justamente o poder de restaurar esse fascínio reconduzindo a seus devidos termos o ângulo imediatista das coisas.

Quanto ao aspecto da técnica imitativa do objeto — ela deu margem a só entrevermos qualidades plásticas na proporção da eficiência da cópia. Houve justamente má colocação do problema. É que a impossibilidade de imitação do objeto (1) induziu a falsa generalização na inferência dos valores artísticos. Por isso mesmo é que a reivindicação da arte infantil não se realizou com a presteza esperada.

Não é novidade estabelecer-se uma comparação entre arte infantil e arte primitiva. Aqui também faremos isso a fim de que, aos nossos olhos certas condições originárias se revelem com maior objetividade.

A existência de uma arte "naive" está condicionada a uma lógica menor da visão. Todo o raciocínio espacial é feito de maneira ingênua, portanto poética, mas infelizmente fácil. Na ingenuidade é que o artista primitivo se aproxima da criança; dela porém se afasta por já revelar um estado de sabedoria incompatível com a mente infantil. Naquele a sensibilidade, subterraneamente aglutinante em seu processo, já implica numa proporção poética dos valores visuais, numa unidade de transgressões sensíveis. A poesia do artista primitivo conduz a uma situação de preferências, seja mística, nativa ou inclinada à própria exploração de riquezas pessoais que por si se definem e se articulam.

Dentro do panorama da arte contemporânea o trabalho da criança e do primitivo, embora com peculiaridades marcantes, pode ser remetido a um mesmo grupo. É que ambos oferecem um aspecto de historicidade do humano indispensável à definição e fixação inicial dos valores artísticos. A arte figurativa aí não vem de um preconceito cultural mas justamente se afirma na ignorância desse preconceito. Daí a enorme importância dessa atividade que por si exige outra maneira de encará-la. Sua influência, aliás, logo se faz sentir; basta atentarmos para a obra de um Klee ou de um Miró. O primeiro aconselhava com frequência ao artista moderno a "cultura do elemento puro". Portanto, o que parece desumanização da arte para um público divorciado do artista de hoje, é, pelo contrário, a busca de signos mais permanentes e universais para uma reelaboração de uma atividade onde os valores plásticos se afirmem revelando um novo vocabulário ótico.

Tôdas essas considerações foram provocadas pelo nosso convívio com os alunos do Curso Infantil do Museu de Arte Moderna. Observamos a maneira pela qual o pintor Ivan Serpa só é professor na medida em que não constrange o espírito infantil; ele não insinua uma realidade ao aluno, mas permite, num ambiente de sadia liberdade, que a criança se entregue à alegria vulgar do milagre da criação. Disse-nos, aliás, numa dessas tardes de sábado, quando seus alunos desenhavam e pintavam, que o verdadeiro problema (porque lhe perguntássemos) em regra geral não está

na criança; o problema são os pais da criança. Como interferem, como são ricos de boas intenções, como investem para que a criança não se esqueça daquele pequeno detalhe ou de não entortar o nariz do homem! Ivan Serpa teve realmente de enfrentar um grave problema: o de não permitir que os "grandes" dessem palpite às crianças, fazendo-lhes compreender que eles, meninos e meninas, não podem pintar o que a mãe, o pai ou a tia vêem e desejam. Eles na verdade só podem pintar na medida em que não são perturbados ou desviados daquela espontaneidade, daquela riqueza original que somente irá encontrar seu verdadeiro impasse na adolescência. Não precipitemos, pois, as nossas supremas banalidades no espírito infantil.

Terça-feira teremos no Museu de Arte Moderna a primeira exposição dos alunos no Curso Infantil; lá estarão os quadros de muitas crianças (é uma pena não poder escrever o nome de todos os meninos e meninas que pintam). Eu peço a todos os meus amigos, conhecidos e desconhecidos, que não deixem de ir, porque irão encontrar a beleza em sua manifestação mais comovedora: a criança fazendo obra de arte.

(LUCY TEIXEIRA — "Tribuna da Imprensa, 27-12-1952")

(1) V. "Child art to Man art", William Johnstone — Macmillan.

DEIXAI AS CRIANÇAS PINTAR LIVREMENTE

Se os leitores não acreditam muito no progresso da luta pela felicidade do ser humano nos últimos cinquenta anos, pensem no salto enorme da utilização da arte entre as crianças, como meio de expansão de sua personalidade, visando equilíbrio afetivo e ausência de inibições nos seus instintos criadores. Toda a renovação da pedagogia contemporânea, tão lenta e difícil nos países de má organização econômica, se exprime com mais facilidade na criação estética da criança. Aqui é também o respeito à personalidade original e cheia de direitos da infância, que predomina. Só que este campo de ação é novo e de horizontes relativamente mais largos do que o da aprendizagem habitual das coisas e técnicas diretamente práticas. De um en-

sino de desenho morto e estereotipado, em que o menino era tolhido no seu gosto e imaginação e obrigado, na escola, a copiar moldes rígidos, cilindros e cones — se passa cada vez mais ao respeito absoluto à expressão autêntica da criança, através de meios de criação plásticos e pictóricos. Hoje a infância deve ser libertada das fôrmas e algumas que deformavam sua personalidade moral e intelectual, forjando um ser convencional, falso, sêco e desumano. Um ser sem impulsos líricos ou imaginação criadora, desprovido de amor à natureza e aos homens, impermeável aos valores afetivos. Máquina fria, mesquinha, sem flexibilidade. Sobretudo infeliz e cheio de complexos, pela ausência de confiança em si mesmo e definimento dos impulsos vivos e autênticos de seu temperamento.

A arte era excluída dessa formação de autômatos, porque poucas como ela gerariam os "indisciplinados", que tanto temem os mantenedores de um tipo "penitenciário" de escola e de sociedade. A Arte, essa forma essencial de expressão humana e de visão das coisas foi cuidadosamente extirpada como se fôsse uma lepra ou um crime. O ideal da penitenciária só pode mesmo ser o uniforme listrado igual para todos: os gestos falhados, os impulsos tolhidos, os gritos calados, os instintos sacrificados, as vontades esmagadas.

Mas a décadas se renova a luta pelos homens e os artistas e educadores se batem pela arte, pensando igualmente naqueles. As "escolinhas de arte" de nosso país, a começar pela veterana de Augusto Rodrigues, já provaram a beleza e plenitude do que a criança cria livremente. Agora é o belo esforço de Ivan Serpa, que se encontra exposto ao público no Museu de Arte Moderna, e merece o aplauso não só dos artistas mas também educadores, já que essa atividade se situa na fronteira de pedagogia, na medida em que existam fronteiras na obra humana.

Trabalhando só com o óleo — restrição às crianças, que seria longo analisar aqui, mas que não lhes retira a possibilidade de criação espontânea — o lema de Serpa é de todos nós: deixai as crianças pintar livremente. Os trabalhos expostos, ricos de beleza, são também fonte de conhecimento da personalidade infantil, desse mundo que constitui a criança e que é pena ser ignorado ou violado pelos adultos.

Esperemos que as atuais crianças sejam um dia seres mais humanos e compreensivos que nós — e é para isso que existe esse novo tipo de ensino artístico infantil, que ao invés de transmissão de experiências busca obter o desenvolvimento espontâneo da personalidade humana.

No Egito, onde o movimento da educação infantil utilizou com êxito a escultura, o especialista Mahmoud El-Bassionny observou quando a arte exprime a experiência da criança, suas relações com a vida e as coisas. Passar da vida externa à criação artística e desta àquela é comum na infância.

Se a arte é experiência, se ela é forma de exprimir o ser humano, o é pelos seus contactos livres, fecundos e diretos com a vida. E' por isso que a criança, perpétuo observador, misturado às coisas e à ação, é, "em massa", o maior criador artístico que existe. Não é uma arte de estufa para museus ou especuladores. A arte infantil é o que deveria ser grande parte da arte: uma forma natural de ser, uma atividade comum, uma produção espontânea. Não percam a oportunidade de ver a atual mostra do Museu, é nossa sugestão final.

(Mário Barata, "Diário de Notícias", 28-12-1952).

PINTURA DE CRIANÇAS NO MUSEU DE ARTE MODERNA

Mesmo que o ar condicionado não esteja funcionando, pode entrar sem susto no Museu. Vai ser um refrigerio. E' o mundo em várias telas, mas um mundo sem censura nem preconceito, com as cores que deram na cabeça dos pintores, as casas e as gentes como eles as vêem ou como acham que deviam ser, mar e céu, árvores e mesas de doces, empregadas ou retratos dos pais, completamente esquecidos de que há já escolas figurativas ou abstratas.

A impressão mais forte é de alegria, desordem, luminosidade, cores vivas. As cores que a natureza ajunta, sem a inquietação decoradora de que se virão a combinar. Verde em cima do azul, laranja e amarelo, limão junto do grená. Faça um passeio turístico e irresponsável diante das telas, sem olhar os nomes, sem consultar catálogo, a imaginação à solta, igualzinha às dos outros. Alguém ao meu lado fala em Djanira diante da alegria gritante de um quadro.

Sem querer, tenho pena da maturidade deste garoto de 14 anos, ali junto de toda a alegria inconsciente desta pintora de 7. E' um homenzinho já este autor de figuras de "ballet", de harmoniosas silhuetas de estátua, de cortinas hieráticas de palco. Já há censura e sofrimento, mestria e estudo no arranjo policiado das figuras, de perspectiva, do jogo de cores.

E agora vamos conversar com Ivan Serpa, o feliz professor desta gente imaginosa. Quero conferir as minhas impressões ainda não influenciadas com a sua experiência. E a minha alegria aumenta. Ele conta histórias do seu povinho de tela e de pincel. Sabe casos, pôde acompanhar a libertação da vida através da arte, nestes artistas virginiais. Tantos se encontraram, através dos tubos de óleo. Libertaram-se com estas imagens do seu mundo interior. Uma fez um prédio de apartamento, dois elevadores e botou neles todos os dez que não consegue tirar de verdade na escola. Está felicíssima. Outro tem pavor da cegueira. Já é um mestrezinho, com dois anos de estudos e estas fabulosas manchas negras que voltam em todos os seus quadros já tão amadurecidos, podem bem ser o velho medo da escuridão, de que se vem libertando com suas telas. Outra, de 7 anos, é uma panteista e já não há tela que contenha a sua imaginação. Quer um mural, como Portinari, como os Mestres da Renascença. Outra pinta a bandeira da pátria amada, idolatrada, salva, salve... Mas é a sua bandeira Cór de rosa, grená, marron. Por que é que ela tem de ser verde e amarelo? Outra, Marie Laurencin, de 7 anos, faz o retrato da empregada. A homenageada contemplou-se, não gostou fez um reparo.

— Você já me viu com dentes azuis?

— Sua boba... Não vê que é pra ficar mais bonita?

Começou cedo a saber o gosto da ignorância e da falta de imaginação do público.

Um outro, mais condescendente, explica o seu quadro, o que os pintores mais velhos já não amam fazer:

— Está vendo aquele garoto? Sabe por que é que eu botei? Ali é uma festa. E em toda festa passa um garoto correndo, para apanhar um doce...

Ivan Serpa está contente de apascentar o seu rebanho. Interfere pouco com eles. Essa gentinha tem tanto o que dizer... A maior influência, e a pior, que encontra entre os pupilos, é a das his-

tórias em quadrinhos. Mostra-me gráficamente os vestígios do mal. E' mais forte nos primeiros quadros. Mas a libertação vem sempre. Outra má influência é a ânsia de "benfeitinho" de alguns pais. Querer corrigir, fazer a criança ver o mundo com seus olhos cheios de preconceitos. Graças a Deus, a criança reage. Um menino impossível, especialista em fazer pontaria de bolas de papel no nariz do professor, agora prefere pintar. E já pinta muito bem, e por que está em paz consigo mesmo, até tira boas notas, faz com os professores a camaradagem de estudar as suas matérias e, se descuida um pouco, fica primeiro da classe.

E ainda penduram nas paredes as suas telas, para alegria de todos nós.

(FLSIE LESSA — "O Globo", 3-1-1953)

PALATNIK, UM JOVEM FASCINADO PELA LUZ

Abraham Palatnik é muito moço ainda. Tem só 24 anos e vem causando desde a Bienal de São Paulo, com a apresentação do seu aparelho de imagens luminosas, a maior preocupação e celeuma nos meios artísticos. Uns aplaudem com entusiasmo, outros com cautela e há também os que nada dizem. Ninguém negou ainda a importância do seu aparelho, que ainda não conhecíamos e que o Museu de Arte Moderna do Rio, vai apresentar quinta-feira próxima, às 18 horas, juntamente com a exposição do seu patrimônio. Nascido em Natal, com quatro anos o jovem artista embarca para a Palestina, de onde regressa em 1937 para demorar-se apenas um ano no Brasil, e completar os seus estudos naquele país. Formado, volta definitivamente para a sua terra, instalando-se no Rio desde 1947. Extremamente simples e afável, com sotaque de pernambucano (não há acento estrangeiro) Palatnik leva-nos para o Museu a fim de mostrar-nos seu novo aparelho, que é mais aperfeiçoado, disse, que o exposto em São Paulo.

— Foi mais ou menos há três anos que começou a surgir na minha cabeça a idéia desse aparelho — conta-nos ele. Estava então em plena emoção pela pintura abstrata que fiz durante algum tempo, depois de ter sido figurativista.

Estudava com muito interesse as

possibilidades da luz na arte subordinada às cores. Nessas pesquisas constatei a existência de vários elementos ainda inaproveitados pelos artistas plásticos e que constituíam um campo fabuloso como experiência estética, impossível, entretanto, de serem obtidos com as técnicas conhecidas como a pintura, a escultura, a gravura...

E, prossegue com entusiasmo, dizendo que os seus conhecimentos de mecânica e física muito auxiliaram na tarefa. Inicialmente fez um caleidoscópio e, observando-o, viu-se a braços com vários problemas, inclusive o do sentido estético perceptivo. Chegou, finalmente, à construção do seu atual aparelho, que é uma caixa retangular com uma tela de setim creme, com inúmeros focos luminosos que se podem projetar em todos os sentidos ao mesmo tempo. Tem um movimento horizontal e outro vertical, que atua como espécie de contraponto. Seria difícil descrever o seu funcionamento, a sua estrutura.

Satisfeita a curiosidade de alguns dos presentes, continua o artista a sua conversa com a reportagem:

— Os pintores aspiraram obter através da pintura um "movimento" na tela, iniciando o cubismo, o futurismo, etc. Mas a única coisa que conseguiram foi uma ilusão desse movimento. Não foi um movimento concreto. E ficaram insistindo nas mesmas técnicas, o que, aliás, sempre me pareceu estranho.

Voltando à caixa do aparelho, que nos esforçávamos por entender, recebemos algumas explicações. O aparelho fornece o controle de vários objetos, cilindros e outras formas em movimento, o que se dá através de um sistema de engrenagens. Todos os movimentos e a velocidade são controlados pela diferença diamétrica da engrenagem, havendo um controle central, composto de uma série de contactos elétricos, que comanda a velocidade e a duração de cada foco luminoso. Os focos são obtidos mediante lâmpadas de voltagens diferentes.

Perguntamos se havia tirado patente do seu invento e se iria fabricá-lo para uma utilização comercial. O jovem espanta-se e depois explica:

— Tirei patente, é claro, para que não me impeçam de fabricá-lo, mas não desejo fabricá-lo em série, mesmo porque seria difícil. Cada aparelho tem uma individualidade mecânica própria

e os desenho das imagens não poderia ser feito assim às carradas. Cada aparelho representa para mim o que uma tela é para um pintor. Ninguém pinta em série, não é? Numa primeira vista você não poderá entender bem o aparelho — afirma a título de consolo. Estou satisfeito, entretanto, com a sua reação artística, acrescenta. E' isso que desejo — que o aparelho sensibilize.

Palatnik está noivo e dentro em breve pretende viajar para os grandes centros artísticos. Ainda não conhece bem a França, a Inglaterra e os Estados Unidos. Despedimo-nos com a certeza de que o rapaz e seu aparelho iriam comover e surpreender o público do Museu de Arte Moderna do Rio. Já à saída alguém sussurra, espantado, como quem faz uma descoberta:

— Mas isto é o cinema não-figurativo... Para onde caminharemos nesse passo?!...

(Jayme Maurício — "Correio da Manhã", 13-1-1953)

O MUSEU DE ARTE MODERNA E NIOMAR MONIZ SODRÉ

O homem é, na verdade, um animal esquisito. Os bichos fogem de suas tocas quando querem liberdade. O homem faz o contrário. Para esquivar-se ao jugo pesado do mundo, atormentado pelos rumos infinitos e impressentidos que a cada instante sua vida pode tomar, para fugir das grades de suas mágoas — o homem busca as tocas.

Algumas apenas nos resguardam; algumas nos divertem; outras nos dão a paz do sono. Outras, há, porém, que nos dão mais; fazem com que esqueçamos súbitamente nossa mesquinha e desamparada condição terrestre, mostrando-nos sinais de uma espantosa e comovente grandeza que o homem é capaz de alcançar. Uma dessas tocas existe precisamente há um ano e tem um nome. Chama-se Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Com apenas um ano de existência, e em instalações provisórias, é hoje o Museu uma das mais importantes instituições culturais da cidade e não hesito em dizer que dentro de muito pouco tempo, sobretudo quando construída a sua nova sede, de belo projeto já executado — será uma das forças mais poderosas da cultura do país.

Detalhe que mais me surpreende na vida ainda curta mas já madura do Museu é ter conseguido despertar o interesse ou, pelo menos, a curiosidade, dêste nosso povo que sempre exibiu uma hostilidade — até certo ponto natural — pela arte moderna, principalmente pelo trabalho dos pintores e dos poetas. Sem contar com o público das inaugurações, registrou a secretaria do Museu a visita de mais de 47.300 pessoas até outubro. De lá para hoje, outros milhares. E quero crer que muitas, dentre elas, tenham aprendido a amar uma nova forma de beleza que lhes era desconhecida, através das obras dos maiores pintores nacionais e estrangeiros, apresentadas pelo Museu.

Se não erro, na conta, sete excelentes mostras de arte moderna já foram ali realizadas, entre as quais quero destacar a exposição de abertura do Museu e das gravuras do genial Goya, e a do grande Cícero Dias.

Há quem censure o Museu por ter a sua diretoria e o seu Conselho Deliberativo constituídos tão somente por "figurões" de nossa vida social, ou econômica, ou política, e pela não inclusão de artistas nos referidos órgãos. O segundo argumento é poderoso; a censura, entretanto, seria válida se o Museu não tivesse cumprido o magnífico programa de exposições que cumpriu até agora. Quanto à primeira censura, concedo que no Conselho Deliberativo, como entre os sócios beneméritos, há vários elementos de gosto artístico duvidoso, senão ausente. Mas acontece que sobretudo a eles se deve o atual patrimônio do Museu. E a existência de uma instituição dessa ordem, só é possível nessas condições. A não ser que os artistas brasileiros fôsem milionários.

Creio que não magoarei ninguém dizendo que se o Museu de Arte Moderna alcançou a sua atual posição se deve ao bom gosto, ao trabalho incansável e à dedicação extrema de Niomar Moniz Sodré, um de seus diretores. Pelo que sei, pelo que ouço, pelo que vejo — é a única que trabalha de fato pelo Museu. E' verdade que os outros membros colaboram — San Tiago Dantas, por exemplo, além de outros serviços, faz os discursos.

Neste primeiro aniversário do Museu, cumprimento Niomar Moniz Sodré, esta extraordinária brasileira. A meu ver, trabalhos como o seu é que significam realmente um serviço prestado ao Brasil.

(THIAGO DE MELLO — Diário Carioca, 15-1-53)

A COLEÇÃO DO MUSEU DE ARTE MODERNA

Quinta-feira inaugurou-se a mostra permanente do Museu de Arte Moderna, no térreo do Ministério da Educação. Desta vez, a coleção foi acrescida de algumas obras de importância real no panorama da arte moderna. Entre essas obras destacam-se as esculturas, que em conjunto estão melhor representadas, que a pintura, apesar de em número bem mais restrito.

Como não podia deixar de ser a mostra está muito longe de ser de primeira ordem. Suas falhas são palpáveis à primeira impressão. Falta-lhes homogeneidade, notando-se que é ainda fruto de improvisação, ou por outra de ocasião. Já é tempo que a direção do jovem Museu sistematize seu processo de aquisição de obras, pois precisa ser presidido por critérios impessoais, objetivos, acima do gosto, bom ou mau, dêste ou daquele de seus diretores. O problema de escolha e aquisição para um museu, sobretudo um arremedo ainda de museu, como é — e não podia deixar de ser — o "nosso" é difícil, delicado e complexo. E' preciso, compreende-se, atender a vinte considerações e entre estas nem todas relevantes do ponto de vista artístico. O que, porém, se deve de antemão evitar é a improvisação, o acaso das ocasiões, o capricho pessoal, a simpatia, amizade.

Um museu como o nosso — falo "nosso" querendo significar da nossa cidade, de nós todos que lidamos com arte — a primeira tentativa séria no gênero cometida no Rio de Janeiro, ou parte com boa orientação já do começo ou estará fracassado dentro de pouco tempo, sobretudo se crescer. Nenhum ponto é mais decisivo do que a formação das coleções. A base destas não pode ser a doação pelos próprios artistas, mas a aquisição. Por outro lado não basta que uma obra seja doada para adquirir o direito a permanente exposição nas salas do museu. Do contrário, dentro

em pouco, não haverá paredes que bastem para ostentar obras mediocres. Quanto às aquisições, é indispensável uma verba anual, especial, e um programa antecipadamente traçado que tenha em vista não somente melhorar a qualidade da coleção como preencher as falhas existentes quanto aos estilos e escolas da arte contemporânea. Para exemplificar, podemos dizer que na mostra atual do museu, a representação surrealista já é grande bastante para que a direção do Museu evite nessas próximos anos adquirir novas obras dessa escola".

Uma coisa positiva deve desde já ser acentuada: a direção parece encaminhar-se muito acertadamente no sentido da especialização. Entra pelos olhos a dentro que se o Museu não se especializar em certos campos da arte moderna não haverá jamais dinheiro bastante para abranger todas as escolas e movimentos, desde os mestres fabulosos do impressionismo e post-impressionismo que custam quando ainda à venda os olhos da cara. Com êsse critério lato jamais chegará a novel instituição a conseguir um acervo sério, honesto, instrutivo, culturalmente à altura de seus objetivos e das exigências ético-estéticas da época.

O nosso Museu não pode perder-se na veleidade vã e provinciana de procurar rivalizar com outras instituições mais velhas e de recursos incomparavelmente maiores que já entraram para a proto-história do modernismo. Não cremos que se possa no nosso caso ir além do fauvismo, historicamente falando. A delimitação só poderá elevar a qualidade da "nossa" coleção, e torná-la capaz de ombrear com as de outros centros cultos da Europa e da América, no seu terreno.

Voltemos, porém, à exposição anteontem inaugurada. Entre as obras catalogadas como surrealistas destaca-se a grande tela de Matta, ao lado de um Salvador Dali, que desta vez é assaz discreto nas suas lucubrações literárias. Notemos a parede dos guaches de Léger, com suas boas qualidades colorísticas e seu senso de equilíbrio estático. A obra de Domela é bem representativa das preocupações dêste artista em combinar diversos materiais para tirar deles uma

síntese que comporte qualidades da pintura e qualidades da escultura mas sem ser uma ou outra coisa.

A parede dita abstrata não é homogênea, pois estão ali reunidos vários grupos em diferentes graus de abstracionismo, desde surrealistas, românticos, expressionistas, impressionistas, nostálgicos do figurativismo, nos meios dos quais se destaca a finura de Magnelli, até o imperceptível oscilar rítmico de Ivan Serpa numa matéria deliberadamente fria e o entusiasmo formal-especial de Motherwell. Parede privilegiada é a do fundo, à direita, onde se encontram dois Klees, um Kandinsky e uma natureza morta de Ben Nicholson.

Evidentemente a obra mais considerável pitorescamente falando é a grande cabeça cubista de Picasso. Trata-se de tela realmente digna de museu, não só por seu valor intrínseco como pelo caráter representativo de uma fase importante da obra do mestre, fase que é também aliás, um dos momentos mais fecundos da revolução modernista. Essa aquisição do museu é digna de todos os louvores, pois veio realmente enriquecer o patrimônio artístico do país.

Fazendo a volta da parede damos com os brasileiros, um bom Portinari. Segall, Ismael Nery e Elisa Martins, a pintora ingênua, nova descoberta de Ivan, cuja tela *Carnaval* e uma delícia de cores e ritmo, superior à grande tela de Vivancos, mais um "ingênuo" ou "primitivo" que Paris inventou.

Restam os escultores. Bastariam os nomes de um Laurens, de um Arp, de um Brancusi e de um Giacometti para consagrar a coleção, sem falar em Max Bill. Desde já podemos dizer que é a melhor coleção escultórica existente no Brasil. O Arp é magnífico pela dramática impregnação sensual de suas formas, o Brancusi é da boa época e o Laurens só não tem mais realce porque está pessimamente colocado sobre uma pedra informe que lhe tira o ritmo das curvas e disfarça desastrosamente o peso caloroso de sua matéria. E Max Bill? Está representado por duas obras mestras, que confirmam o poderoso criador da *Unidade Tripartida*, já tão popular no público que frequenta os museus de arte do país. Fara terminar mencionamos a nova máquina de Abraham Palatnik, a terceira desde a primeira apresentada na Bienal de São Paulo. O artista-inventor brasileiro pros-

segue em suas pesquisas num mundo inteiramente novo das artes plásticas e que promete os mais extraordinários desenvolvimentos. A composição atual do cronoplasticismo de Falatnik gira em torno de "Paralelas em azul e laranja numa sequência horizontal".

(Mário Pedrosa — "Tribuna da Imprensa", 17-1-1953.)

A EXPOSIÇÃO DO PATRIMÔNIO DO MUSEU DE ARTE MODERNA

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro esteve em evidência durante todo o ano de 1952, com as exposições que realizou e diversas atividades constantes de seu programa.

Cresceu no conceito do público, nos meios oficiais e nos círculos políticos. A batalha da construção de sua própria já foi vencida em sua primeira etapa, tendo a Prefeitura feito a doação do terreno, enquanto a Câmara Federal votou um projeto de lei concedendo um crédito de dez milhões de cruzeiros para fazer face às despesas iniciais da construção. Disso se conclui que, no ano corrente, a Diretoria do Museu terá uma grande tarefa a cumprir, pois o problema da construção de seu edifício na Ponta do Calabouço deverá ter início dentro em breve.

Para mostrar as coleções de seu patrimônio, o Museu inaugurou anteontem a primeira de suas exposições de 1953, seguida de uma recepção em casa do sr. e da senhora Roberto Marinho. Compareceram a esta recepção os Ministros Negrão de Lima, Simões Filho e Lafer, os diretores do Museu, figuras da sociedade e críticos de arte. A bela casa brasileira do Cosme Velho tornou-se nessa noite centro de tertulias artísticas, discutindo-se, nos diversos grupos formados, os planos do Museu e as perspectivas abertas no Brasil para o desenvolvimento da arte moderna.

Não há entre os dirigentes e beneméritos do Museu, pelo que pude notar, nenhum sectarismo artístico. Se a senhora Niomar Moniz Sodré tem preferência pessoal pelo abstratos e pela corrente da arte concreta, diversos dirigentes têm maiores simpatias pelos figurativos. Mas, no trabalho de conjunto, há

uma solução de equilíbrio, de modo que nenhuma tendência predomina. E' esta a orientação que melhor convem aos interesses do Museu, pois a arte moderna tem uma face figurativa e outra abstrata, se assim se pode dizer.

A atual exposição veio mostrar, por outro lado, que já é tempo dos dirigentes do Museu cuidarem, com maior rigor, da questão delicada da aquisição de obras para o seu patrimônio. E' indispensável que tudo seja feito em obediência a um plano de conjunto. Elaborando esse plano, as aquisições seriam realizadas tendo em vista objetivos culturais, pois as coleções dos museus diferem substancialmente das coleções de amadores, por mais cultos que estes sejam. E' claro

que o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro já deve ter elaborado o seu programa de aquisições, no qual certamente prevalecerá o critério da qualidade e não o da quantidade. Cabe ainda notar que nem todos os trabalhos doados ao Museu podem ser apresentados numa mostra oficial, pois se são testemunhos de generosidade ou de boa vontade, constituem também, às vezes, provas ostensivas, senão de mau gosto, pelo menos de completo desconhecimento dos valores estéticos da obra de arte. E estes devem prevalecer soberanamente, na compra dos trabalhos destinados às coleções dos museus.

(ANTONIO BENTO — Diário Carioca, 17-1-1953)

ESTÁDIOS E MUSEUS

Anda a imprensa de Madrid bastante exasperada com o projeto da Municipalidade autorizando a construção de um vasto Palácio de Esportes naquela cidade. Reclama afirmando ser um absurdo a construção desse estádio quando Madrid sofre a falta de Palácio das Artes, onde seria abrigado o seu Museu de Arte Moderna, atualmente dividido em duas seções absurdas por falta de local apropriado — a arte do século 19 e a rigorosamente contemporânea. E clamam os jornais pela falta de salas para exposições, conferências e concertos.

A situação lembra um pouco a nossa quando se projetava a construção do "maior estádio do mundo" em dois anos e um orçamento tremendo. Apenas a opinião pública não foi tão unânime como a madrilenha, nem poderia, é óbvio... Por lá pedem museus, enquanto nós, apenas hospitais, escolas. De nada adiantaram os pálidos reflexos de alguns colonistas cariocas — o monstro de cimento armado foi erguido com mão-de-obra até dos pracinhas do Exército. E lá está, escandalizando o estrangeiro. Esperemos que a história não se repita na Espanha, com um povo que afinal de contas é herdeiro de uma das mais belas tradições artísticas do mundo. E ganhem os madrilenhos o seu Museu de Arte Moderna.

O nosso, tudo indica, virá breve, anos depois do estádio. A Municipalidade não

irá construí-lo, mas deu-lhe terreno para sede, graças à ação de um homem de cultura e visão alta — o sr. João Carlos Vital. Foi o ilustre engenheiro que enviou clara e concisa mensagem aos vereadores evidenciando a utilidade da instituição. Pediu uma área resultante dos aterros do Calabouço, na Esplanada do Castelo.

E os vereadores, que em questões artísticas vêm se comportando muito bem nestes últimos tempos, aprovaram a mensagem do ex-prefeito, com apenas um voto em contrário. Afastado o sr. Carlos Vital, o projeto foi ao novo prefeito que, abrindo um ligeiro clarão na sombria paisagem dos seus primeiros atos, respeitou a iniciativa de seu antigo chefe e sancionou o projeto no dia 30 de dezembro último.

Antes tarde, diz o provérbio. O governo financeiro e construiu o maior estádio do mundo. Vai agora, com o projeto de auxílio apresentado pelo deputado Jorge Lacerda e a concessão do terreno, amparar a construção do mais belo e bem situado museu de artes contemporâneas. Antes assim, embora a ordem de precedência pudesse ser invertida. E é curioso e melancólico o reparo — tanto aqui como na Europa, em pleno século 20, a história continua: primeiro as arenas, depois os anfiteatros.

(Jayme Maurício, "Correio da Manhã", 10-1-1953).

ORAÇÃO

Na fase azul de Picasso
vou colorir êste abraço
que reúne os bons amigos;
aos boizinhos de Chagall,
ruminantes do Natal,
de lanternas e de figos,
e às volutas de Max Bill,
pedirei venturas mil
e que tudo corra bem
e que a sorte seja terna
ao Museu de Arte Moderna
em cinquenta e três. Amen

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

RIO, 1952 - 1953